



Na Bahia, virada espetacular de Jaques Wagner

Uma vitória espetacular pelo seu significado e pelas circunstâncias em que aconteceu. Assim pode ser definição a eleição do ex-ministro Jaques Wagner para o governo da Bahia. Ela rompeu um domínio de 16 anos do carlismo no governo estadual e contrariou os prognósticos de todas as pesquisas realizadas até às vésperas do pleito.

Wagner obteve 52,89% dos votos válidos contra 43,03% do governador Paulo Souto, que tentava a reeleição. Além de perder a briga pelo governo, ACM teve de amargar mais uma derrota, pois seu candidato ao Senado era o senador Rodolfo Tourinho (PFL-BA). O vencedor para o Senado na Bahia foi o ex-governador João Durval (PDT), pai do prefeito da capital João Henrique Carneiro.

Na prática, Durval fez campanha casada com o PT de Jaques Wagner. Embora seu partido tivesse candidato a presidente - o senador Cristovam Buarque -, o ex-governador ignorou a candidatura do partido e abriu espaço para o presidente Lula em seu programa eleitoral.

Opção feita, todos os partidos que participaram da coligação de Wagner - PCdoB, PSB, PMDB, PPS, PV e PTB - passaram a trabalhar por João Durval.

Ao contrário dos pefelistas, que não dimensionaram a crise por que passa o carlismo desde a derrota na disputa pela prefeitura de Salvador, há dois anos, Wagner não se surpreendeu com o resultado.

Ele próprio previra o cenário da vitória do PT em todas as conversas políticas que tivera nos últimos dias, em que insistia na tese do cansaço do eleitorado depois de quatro mandatos de mando do grupo de ACM na Bahia.
